VIAJANDO COM LIVROS

REGRESSO DE PROMETEU

A resistência dos que ficaram a defender a Ucrânia e a angústia dos que partiram para salvar a vida e sem saber se podem ou não podem voltar despertou, mais uma vez, o exemplo e a lição do mito reinventado pelo génio de Ésquilo **POR ANTÓNIO VALDEMAR**

24 de fevereiro de 2022 passou a ser uma data negra da História. A operação militar anunciada por Vladimir Putin invadiu, uma hora depois, a Ucrânia. A partir de então verificaram-se as maiores atrocidades. Cada cidade e as suas periferias já têm as marcas inapagáveis da crueldade e do terror. Dia após dia, a Europa, ficou a ser outra. Sucessivos ataques provocaram a destruição e a morte. Não ficou pedra sobre pedra em numerosas casas de habitação, hospitais, escolas, igrejas e outros locais inseparáveis da vida quotidiana. Entre os escombros deparam-se milhares e milhares de cadáveres.

O difícil encontro de convergências políticas, militares, diplomáticas, económicas e financeiras instalou-se em vários impérios: o da Rússia, o da América, o da China e o da União Europeia. Estão em causa rivalidades nascidas de interesses diferentes. Multiplicaram-se os movimentos de solidariedade e ajuda à Ucrânia e, ao mesmo tempo, de repúdio contra a agressão da Rússia. Centenas de milhares de pessoas deixaram tudo o que lhes restava. Refugiaram-se, em especial, na Polónia, na Roménia e noutros países. Portugal tem participado no acolhimento às vítimas da guerra. E a Assembleia da República, a 21 de abril, prestou as devidas homenagens ao presidente Zelensky e aos ucranianos, empenhados na independência do seu povo.

A resistência dos que ficaram a defender a soberania da Ucrânia e a angústia dos que partiram acordou as energias que dominaram, sempre, a Humanidade, nos momentos de crise. Ésquilo condensou no *Prometeu Agrilhoado* as grandes opções que perduram para ultrapassar o arbítrio e a tirania dos poderosos. Prometeu roubara o fogo a Zeus que o condenara a ficar amarrado numa rocha, enquanto uma águia lhe devorava o fígado. A insistência da tortura não o impediu de acreditar na libertação e na Justiça.

O mito de Prometeu aparece, pela primeira vez, em Hesíodo. Mas foi o génio de Ésquilo que reinventou *Prometeu Agrilhoado*, numa das mais significativas tragédias do Teatro Grego. O mito de Prometeu que ganhou ressonância universal também percorre a literatura portuguesa. Camões incluiu – no episódio do *Velho do Restelo*, na partida das naus para a Índia; «*O fogo que ajuntou ao peito humano / fogo que o mundo em armas acendeu*» em mortes, em desonras e enganos. Garrett evocou Prometeu para expor como definiu comportamentos e atitudes dos protagonistas da sua obra-prima o *Frei Luís de Sousa*. Encontra-se nas interrogações da consciência moral de Antero. Foi exaltado num poema de João de Barros: «*Que voz repele, e afronta, e cala /Este tumulto de ódios cegos, /Que ruge e clama e ofende em vão?*»

O mito de Prometeu numa interpretação de Álvaro Carrilho

Para José Gomes Ferreira incorpora o grito, que encoraja o protesto e a revolta em face do «*abutre de garras de frio*». Permanece nos Diários e em poemas de Miguel Torga: «*Triste, / meu coração resiste / por fidelidade. / Prometeu, / dará tudo o que tem à Humanidade. / Dará todo o calor que o aqueceu. / Mas cada vez mais triste e mais cansado, / que ninguém o demore no caminho. / Um coração só é feliz parado, / quando não é paixão ficar sozinho.*»

Basílio Teles – um dos mais notáveis prosadores de ideias da língua portuguesa – traduziu o *Prometeu Agrilhoado*, reunido em livro, com um estudo crítico (1914). Devo a Almada Negreiros, a descoberta destes dois textos fundamentais quando o entrevistei (1960) acerca da integração dos Painéis atribuídos a Nuno Gonçalves, na capela do Fundador do Mosteiro da Batalha. A leitura de Almada, em torno desta versão do Prometeu e do ensaio introdutório conduziu-o à explicação do «Ver e do Saber Ver», à revelação da importância do número e à busca do conhecimento universal.

ÉSQUILO CONDENSOU NO *PROMETEU AGRILHOADO* AS GRANDES OPÇÕES QUE PERDURAM PARA ULTRAPASSAR O ARBÍTRIO E A TIRANIA DOS PODEROSOS

Quando, ainda, não desapareceram os efeitos calamitosos de vários surtos de coronavírus, fomos confrontados com o espetro da guerra. Procuro, mais uma vez, embora com objetivos diferentes de Almada Negreiros, recolher outra lição nos textos de Basílio Teles. Constituem sempre motivo de reflexão para atingir aspirações inadiáveis. Podemos assinalar a ausência do sentimento poético em Basílio Teles. (Muito mais visível na tradução que também fez do *Livro de Job*). Mas a recusa do lirismo fácil e da vibração retórica na escrita de Basílio Teles, convoca o regresso de Prometeu para nos incitar à militância cívica e à luta política. Para condenar as intervenções políticas e sociais que utilizam a Justiça para deturpar e suprimir o pluralismo democrático.

Para Ésquilo o fogo simboliza a inevitabilidade da transformação e o estímulo à criação. Ao desenvolver o contexto de Prometeu quis demonstrar que até os próprios deuses não podem ultrapassar as limitações do seu poder. A resolução dos conflitos não se pode arrastar, indefinidamente. Requer o diálogo para retomar a estabilidade. O *Prometeu Agrilhoado*, património cultural que o mundo grego nos legou, encerra os tesouros de sabedoria que Ésquilo, concebeu e nos transmitiu e que se projetaram, com as inevitáveis variantes, a todas as épocas. As ambições e as fatalidades continuam a ser parte da essência do que somos. Fazem parte das raízes mais profundas da memória coletiva.